

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Raúl Ruiz – A Imagem Estilhaçada – parte II

2 e 6 de Março de 2024

LA MALETA / 1963-2008

Realização: Raúl Ruiz / **Argumento:** Raúl Ruiz a partir de peça com o mesmo nome / **Fotografia:** Enrique Urteaga / **Som:** Álvaro Morgan, Felipe Álvarez / **Música:** Jorge Arriagada / **Montagem:** Inti Briones, Raúl Ruiz / **Com:** com Hector Duvauchelle, Gastón Duvauchelle, Orieta Escámez, Gonzalo Palta / **Produção:** Raúl Ruiz para o Departamento de Cine Experimental de la Universidad de Chile (Chile) / **Cópia:** em ficheiro, preto e branco, sem diálogos / **Duração:** 25 minutos / **Estreia:** 1963 / Primeira exibição na Cinemateca.

AHORA TE VAMOS A LLAMAR HERMANO / 1971

Realização e Argumento: Raúl Ruiz / **Fotografia:** Mario Handler / **Som:** José De la Vega / **Montagem:** Carlos Piaggio / **Assistente:** Valeria Sarmiento / **Com:** com Salvador Allende e os Índios Mapuche / **Produção:** Citelco (Chile) / **Produtor:** Sergio Meza / **Cópia:** em DCP (original 16mm), cor, legendada electronicamente em português / **Duração:** 13 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

LA COLONIA PENAL / 1970

Realização: Raúl Ruiz / **Argumento:** Raúl Ruiz baseado no conto homónimo de Franz Kafka / **Fotografia:** Héctor Ríos / **Som:** Fernando García / **Montagem:** Carlos Piaggio / **Música:** Mary Franco Lao / **Com:** Mónica Echeverría (Jornalista), Luis Alarcón (Presidente), Anybal Reyna (Ministro), Patricia Rivadeneira, Francisco Reys, Consuelo Castillo, Nelson Villagra, Darío Pulgar, Sergio Mesa / **Produção:** Alcamán (Chile) / **Produtor:** Darío Pulgar / **Cópia:** em 16mm, preto e branco, legendada em castelhano e eletronicamente em português / **Duração:** 65 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

filmes de Raúl Ruiz

duração total da projecção: 103 minutos

nota: A exibição da cópia de **La Colonia Penal**, incluirá um momento a negro entre duas bobines, que não puderam ser montadas.

Datado de 1963, **La Maleta** foi um filme dado como perdido durante mais de quarenta anos. Quando foi redescoberto, em 2007, o material foi remontado pelo próprio Ruiz, surgindo assim esta segunda versão, que agora mostramos. Produzido pelo Centro de Cine Experimental de la Universidad de Chile, trata-se do primeiro filme realizado por Ruiz e baseia-se numa peça estreada em 1962 pela mão do dramaturgo, encenador e músico Víctor Jara. Pensado inicialmente como longa-metragem, **La Maleta** acabaria por ter pouco mais de vinte minutos devido a constrangimentos de produção. De cunho marcadamente surrealista, o filme aproxima-se de outras obras do mesmo género que se aproximam das vanguardas cinematográficas. O protagonista é um homem que transporta dentro de uma grande mala todos os seus pertences, inclusive um outro homem que com ele se assemelha. Realidade pouco verosímil temperada por outros elementos cinematográficos que acentuam a estranheza da narrativa, como um trabalho de som não síncrono e não naturalista, a exacerbação dos contrastes na imagem, que em determinados momentos adquire um carácter expressionista (a

escadaria do prédio com as sombras marcadas das estruturas em ferro), etc. **La Maleta** é assim uma prometedora primeira obra de um cineasta em formação que, retratando um protagonista visivelmente perturbado, estende a perturbação à forma do filme.

Ahora te vamos a llamar hermano foi filmado em 1971 por Raúl Ruiz com a colaboração de Mario Handler (considerado por muitos o “pai” do documentarismo uruguaio), e Pepe de la Vega (no som). Documentário militante restaurado pela Cinemateca de Bolonha em 2012, depois da sua única cópia sobrevivente ter sido encontrada em Itália, o valor do filme prende-se sobretudo com a realidade documental e o momento histórico que retrata: o encontro do Presidente chileno Salvador Allende com os Mapuche, quando lhes anuncia a publicação da primeira lei que defende os direitos dos povos indígenas, que ficaria conhecida como a “Lei Mapuche”, abrindo caminho para a possibilidade da restituição de terras e do entendimento de uma nação Mapuche como parte integrante do território chileno. Em **Ahora te vamos a llamar hermano** ficamos face a eloquentes de testemunhos de camponeses Mapuche, que falam (ou cantam) directamente para a câmara de Ruiz em dialecto Mapudungun, aludindo à perda das suas terras no passado e a uma vida familiar presente de miséria e exclusão económica e social. Testemunhos que se misturam com imagens de extrema pobreza e de manifestações nas ruas, cujos sons se sobrepõem. Somos depois confrontados com os excelentes dotes de orador de Allende, enquanto discursa no encontro de Temuco a 28 de Março de 1971 e a celebração de tais palavras em manifestações de apoio. Dispensando a voz *off*, **Ahora te vamos a llamar hermano** assenta numa dialéctica revelada pela montagem, sendo que a própria opção pelo dialecto dos Mapuches como língua principal do filme se revela como um acto político em prol da preservação de uma cultura em extinção.

A acção de **La Colonia Penal**, uma adaptação muito livre do conto homónimo de Franz Kafka, desenrola-se numa ilha do Pacífico com o nome de “La Captiva”. Ilha que anteriormente teria sido uma colónia penal e terá proclamado unilateralmente a independência, instaurando uma democracia. A duzentas milhas da costa latino americana, a ilha é governada por um Presidente autoritário que comanda um exército de homens. Resumindo-se a tal exército, os habitantes da ilha continuam a obedecer a um ditador, mantendo-se como prisioneiros dentro do seu próprio país. Uma jornalista estrangeira, enviada como observadora para a ilha, é guiada pelos meandros de tal sinistro lugar, relatando para o exterior as cenas de tortura e de repressão a que assiste por todo o lado. “Especialista em relações externas” à procura de histórias cheias de atrocidades e repressão (o gravador com sons de torturados é o culminar da crítica implícita no filme), apercebe-se a dada altura que caiu numa armadilha, pois como se afirmou a dada altura sobre o filme, “carecendo de recursos naturais, a principal exportação da ilha eram as notícias”. Este resumo de uma intriga assumidamente ficcional salienta bem a componente metafórica de um filme que, partindo de Kafka, alude às contradições políticas vividas no Chile, ao mesmo tempo que reflecte sobre a situação dos países da América Latina no final dos anos sessenta e início dos anos setenta e sobre a sua imagem projectada no exterior. Um pouco críptico para quem está distante de tal realidade, a que se somam dificuldades associadas à débil qualidade da cópia, **La Colonia Penal** não é uma obra fácil para o espectador. A crítica às agências noticiosas internacionais perde-se um pouco no modo como Ruiz trabalha a questão do *pastiche* em sequências por vezes demasiado longas e erráticas, que dificultam o entendimento geral de um filme que investe na ambiguidade. Uns anos depois Ruiz afirmaria que a sua preocupação com uma ditadura militar antecipava de algum modo a preocupação com o que mais tarde viria a acontecer no Chile e noutros países da América Latina.

Joana Ascensão